

# **Herdeiros do Trono**

— Livro I —

**Elysanna Louzada**

*Coordenação Editorial*  
**Lycia Barros**

*Diagramação*  
**Bruno Ferreira Serrano**  
**Renato Passos de Oliveira**

*Capa*  
**Hugo Breves**

*Revisão*  
**Viviane Almeida**

**Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Lou886 Louzada, Elysanna.

Herdeiros do Trono / Elysanna Louzada. – 1. Ed. –  
São Paulo : Editora Ases da Literatura, 2013.  
352p. ; 16x23.

ISBN 978-85-915572-0-2 (broch.)

1. Ficção brasileira. 2. Literatura brasileira.  
I. Título.

CDD B869.3

Bibliotecária Responsável: Amanda Araújo de Souza Carvalho CRB 7/6351

# Primeira Parte

*“Há sempre uma razão, embora não haja nenhuma explicação.”*

Adélia Prado

## Prólogo

E aquele mundo se chamava Petra.

No início era o nada. E do vazio o Criador concebeu a vida. Da energia cósmica do universo, Petra foi moldada. Doze reinos nasceram para serem governados por um único rei e uma única rainha. Justiça, amor e obediência às Leis da Criação — esses seriam os requisitos necessários aos governantes do Reino Unido, e enquanto essas virtudes permanecessem intactas, Petra seria um lugar de paz.

Assim foi durante muitos anos. Mas infelizmente a tentação recaiu sobre a rainha, que perdeu sua fé. Movida pela ambição do poder, ela tentou violar o Vale Sagrado, roubar a essência divina para se tornar uma deusa e dessa forma se igualar ao Criador.

O rei lutou contra ela na tentativa de salvar Petra, ameaçada de ser destruída em consequência de sua desobediência. Em uma batalha épica, em que milhares de inocentes pereceram, a Primeira Rainha foi derrotada. O grande rei clamou pelo perdão e o Criador teve compaixão da raça humana. Os homens e os anões foram poupados.

Uma aliança foi firmada entre o Pai Criador, o Primeiro Rei e seus fiéis cavaleiros. A espada que eliminou o mal de Petra foi abençoada e lacrada em um baú chamado Arca da Aliança. O artefato foi escondido e os leais cavaleiros, entre eles, homens e anões, tornaram-se os Defensores da Aliança. A eles foi dito que enquanto os descendentes do Primeiro Rei, os legítimos herdeiros do trono, governassem Petra, a unidade entre os doze reinos seria mantida. Esses cavaleiros também foram advertidos que, uma vez que o coração humano sucumbira ao mal, ele sempre vagaria por Petra. Somente aqueles cuja fé fosse inabalável ficariam protegidos das forças malignas, mas os que fossem fracos estariam à mercê da influência nefasta da Primeira Rainha.

As crônicas da Criação foram escritas em detalhes pelos bravos que lutaram ao lado do rei na primeira batalha e em outras que aconteceram em consequência da primeira. Mais tarde, os feitos foram compilados em um livro, conhecido como os Testamentos dos Primeiros Cavaleiros.

Milênios se passaram e as histórias dos Cavaleiros Sagrados, aos poucos, foram sendo tomadas como narrativas fantásticas. Os homens modernos passaram, cada vez mais, a acreditar somente no palpável, no material, e por isso o conteúdo heroico das crônicas — agora conhecidas por alegorias ou parábolas — tornava-se irreal ou inimaginável: o mar que se abriu para dar passagem aos cavaleiros, que libertavam um povo escravizado pelo mal,

gigantes caminhando pela terra e sendo derrotados pelos menores dos guerreiros, um rei cuja sabedoria seria maior do que todo o tesouro da coroa, um profeta engolido por uma baleia para ascender espiritualmente e reavivar na memória dos homens os desígnios da Criação. Tudo isso, nos tempos modernos, era metáfora para a maioria das pessoas.

De todas as tradições deixadas pelo Primeiro Rei e seus cavaleiros apenas uma permaneceu intacta: todo monarca de Petra precisava sagrar-se cavaleiro para ser coroado. Por isso, havia uma única instituição no Reino Unido que atravessou os milênios, inabalável: a Academia de Cavaleiros, uma escola militar que selecionava os mais bravos jovens para servir aos reis e rainhas de Petra.

# Capítulo I

A taberna, onde aconteciam as lutas clandestinas de boxe, ficava na periferia de Tamísia. O bar, frequentado exclusivamente por mestiços, era famoso por organizar disputas entre pugilistas amadores. Essas lutas aconteciam uma ou duas vezes a cada mês e, invariavelmente, envolviam consideráveis somas em moedas de dágoras.

Os lutadores viam nessas disputas — em que as regras oficiais do boxe eram, muitas vezes, negligenciadas —, uma oportunidade de se obter um bônus salarial que permitiria certas regalias, como uma refeição com carne de búfalo por, pelo menos, um mês inteiro.

Naquela noite, em especial, o que estava em disputa na arena não era o almoço ou o jantar de alguma família, mas o destino de três jovens mestiços, cujo único sonho era tornarem-se cavaleiros.

No centro da arena estavam Tommy e um sujeito truculento apelidado de Montanha.

Tomás Fernandez, ou Tommy, como gostava de ser chamado, era o campeão juvenil de boxe da Escola Preparatória de Tamísia, irmão de Isabel e melhor amigo de Pedro e Eloise Pontes. O rapaz era um lutador nato: ágil, forte e dono de um gancho de direita que poucos suportavam receber e continuar de pé. Mas se alguém imaginasse que, naquela noite, ele estava lutando em favor de uma causa própria se enganaria. Tommy resolvera desafiar Montanha, única e exclusivamente, em prol da irmã e dos amigos que sonhavam com a Academia de Cavaleiros.

Pedro apostara suas poucas economias na vitória de Tommy, na esperança de que assim conseguisse dágoras suficientes para custear as despesas do Torneio de Bravura, a competição que selecionava os jovens aptos a se tornarem aspirantes a cavaleiros.

— Ei, Fernandez! Hoje você volta para casa sem os dentes da frente — Montanha provocou.

— Você vai sair daqui chorando feito uma mulherzinha — Tommy devolveu a intimidação.

— Uhhhh! — A horda de apostadores ao redor do ringue gritou eufórica com a audácia do jovem desafiante.

Nenhum dos frequentadores conhecia a perícia de Tommy como lutador. Para os homens, que brandiam suas canecas de vinho, excitados, a luta seria encerrada por nocaute no momento em que Montanha derrubaria o rapaz inexperiente com menos de cinco socos.

Os oponentes inclinaram o pescoço para a direita e para a esquerda, sacudiram os ombros e agitaram as mãos para aquecer o corpo.

— Vá até lá e aja com inteligência. Seja rápido. E desvie dos golpes. Faça-o cansar — Pedro encorajou o amigo, ainda que entendesse pouco do papel de orientador. — Você é nossa última esperança — acrescentou em seguida.

Tommy o encarou de um jeito que dizia: “Nem precisa lembrar”.

O gongo soou. Os lutadores avançaram. Montanha investiu com um gancho de direita seguido por um soco de esquerda, que deslocariam a mandíbula de Tommy, se ele não tivesse escapado das duas investidas.

Montanha era um lutador competente, especialista na arena da taberna Cabeça de Búfalo, porém naquela noite sua agilidade e equilíbrio estavam alterados por muitas canecas de vinho. Esse era um fato interessante, pois um homem embriagado não deveria aceitar um desafio em um ringue de boxe. Mas o fato era que, no caso de Montanha, a quantidade de músculos era proporcional ao tamanho de seu ego. Sendo assim, quando o rapaz de dezenove anos provocou o homem com o dobro do seu tamanho para uma luta, ele aceitou, encorajado pelo excesso de autoconfiança. Cego por sua própria arrogância, Montanha, nem por um minuto, cogitou a possibilidade de Tommy ser um boxeador.

A corda que delimitava as fronteiras do ringue era composta por uma horda de homens bêbados que berravam em desagrado diante da falta de ação na luta. A maior parte deles apostara que Tommy cairia antes do quinto golpe. Montanha havia desferido dois golpes sem sucesso e agora o oponente mais jovem fazia uma dança que envolvia um movimento gingado para confundir o mais experiente.

— Derrube logo esse frangote! — um dos bêbados gritou e seu hálito, que fedia a álcool e a ovos cozidos, propagou-se acompanhando o som da sua voz rouca.

Montanha se irritou com o comentário. Ele estava tentando derrubar o *frangote*, mas o filho da mãe não parava quieto. Os olhos do brutamontes faiscavam e os punhos travados se comprimiram esperando, angustiados, o momento glorioso em que um deles esmurraria o rosto do moleque “dançarino”.

E o momento veio. Dois socos simultâneos acertaram Tommy, um “no pé do ouvido” e outro no queixo.

Montanha levantou os braços pedindo o grito da plateia enlouquecida. A taberna girou e, por alguns segundos, a visão de Tommy ficou turva, mas ele não se deixou abater, nem pela força dos socos e nem pela pressão de uma torcida que lhe berrava insultos. Tommy cuspiu e uma mancha de sangue se formou no chão.

*Eu vencerei.*

Quando se aprumou e armou o punho, Montanha bateu as mãos contra o peito como um gorila selvagem e disse:

— Vem.

E Tommy foi. Mas foi com inteligência e, em vez de mandar um soco direto, como parecia que faria, o rapaz fez uma finta de corpo e desferiu um cruzado de esquerda. Não era o seu golpe mais potente, porém serviu para elevar seu moral na luta. Então a disputa ganhou velocidade. O público gostou.

Aproveitando o bom momento, Tommy investiu uma, duas, três vezes seguidas. Acertando a base da orelha esquerda, o maxilar, no lado direito, e, por fim, o supercílio de Montanha.

Os gritos agora se dividiam enquanto novas apostas eram feitas simultaneamente ao desenrolar da luta.

Montanha se recuperou e atacou Tommy. Direita, esquerda, direita, esquerda, soco direto, esquerda e direita novamente. O jovem desviou-se dos cinco primeiros golpes, mas os dois últimos o acertaram.

Os lutadores sangravam e, aparentemente, ambos estavam debilitados, mas era Montanha quem mais sentia. Havia bebido e comido demais antes da luta. Afinal, tomara o desafio do jovem lutador como um ato de tolice e sua arrogância o fizera acreditar que venceria com facilidade. De fato, se Montanha fosse um homem sábio, saberia que não existe vitória antes que ocorra a batalha.

Tommy avançou. Acertou o oponente duas vezes seguidas nos flancos, fazendo-o se contorcer de dor. Mas o gigante invencível só caiu de vez depois de dois belos ganchos de direita, que foram um espetáculo à parte.

E o que aconteceu depois disso ficaria gravado na memória do pugilista amador: Pedro ergueu-lhe os braços e a plateia ovacionou o estreante.

— Por conta da casa. — O dono da taberna Cabeça de Búfalo ofereceu aos rapazes duas canecas de vinho quando eles alcançaram o balcão do estabelecimento.

— Aos seus punhos! — Pedro segurou o próprio copo no ar.

— Eu continuo achando que essa ideia de ser cavaleiro é uma grande bobagem, mas se é a Academia de Cavaleiros que vocês querem, brindemos a isso.

As canecas se chocaram. Eles beberam um gole farto e apoiaram as vasilhas na madeira suja que separava o espaço entre o atendente e o salão. Pedro ignorou o comentário enquanto se certificava de que a renda seria suficiente para custear a viagem de três pessoas.

Tommy não simpatizava com a instituição que servia aos doze Estados do Reino Unido de Petra. Seu pai, Diogo Fernandez, um dia fora um cavaleiro e a história desse homem com a cavalaria havia terminado de maneira humilhante.



A rua mal iluminada do Cabeça de Búfalo ficava em uma região ainda não loteada de Tamísia. E, se não fosse a agitação da taberna, tudo que se poderia ouvir num raio de um quilômetro era o piar das corujas instaladas nas imensas árvores, que margeavam a estrada de chão batido, à medida que a madrugada avançava.

Ao passo que Pedro e Tommy se adiantavam, uma névoa baixa encobria o conjunto de prédios alguns metros à frente. As construções formavam o complexo industrial que fornecia a maior parte dos empregos da cidade. No galpão mais afastado confeccionavam-se cordas de mais de cinco tipos de fibras naturais. Ao lado deste, funcionava uma confecção de lonas utilizadas nos grandes navios fabricados no estaleiro que ficava na zona portuária de Tamísia. Ainda compunha o complexo, duas tecelagens, uma oficina que reformava praticamente todas as carruagens da cidade e uma ferraria.

Ao todo, mais de trezentas pessoas trabalhavam ali. Talvez por isso o Cabeça de Búfalo estivesse sempre cheio, porque, à exceção dos proprietários das fábricas e dos encarregados, os demais funcionários do conglomerado eram mestiços.

Já se anunciava a esquina próxima, que levava ao centro da cidade, quando a marcha silenciosa de Pedro e Tommy foi interrompida por gritos que soaram abafados pelas construções. Eles se entreolharam por alguns segundos como se duvidassem do que ouviam, mas antes que tivessem a certeza de que o som estranho era fruto de uma imaginação cansada, escutaram novamente: uma voz entrecortada que, agora, se distinguia como um pedido de socorro.

Pedro e Tommy adentraram o complexo manufatureiro com cautela. O lugar parecia deserto, a fumaça branca soprada pela madrugada deixava o ambiente com um aspecto sepulcral. O pedido de ajuda cessou e por alguns instantes eles consideraram novamente a possibilidade de terem ouvido demais. Então Pedro gritou para descobrir se havia realmente alguém precisando de ajuda.

— Aqui — uma voz rouca respondeu. — Por favor.

Os jovens seguiram a direção do som e, alguns metros à frente, nas proximidades da casa de ferros, viram um rapaz caído e, aparentemente, sem condições de andar. Ele sinalizava com um braço erguido com dificuldade.

Eles se aproximaram e, no momento em que o fizeram, reconheceram o jovem: André, um aluno da Escola Preparatória de Tamísia, da turma de esgrima de Eloise, a irmã gêmea de Pedro.

O estado do rapaz era alarmante. Com as costas apoiadas no portão da ferraria, tentava, em vão, com uma camisa rasgada, estancar o sangue que escorria de dois cortes, um na maçã do rosto e o outro na têmpora.

— Cara, o que aconteceu? Foi atropelado por um búfalo?

— Um só não, Tommy. — o jovem ferido respondeu com a voz falhada. — Foram três para ser exato — completou depois de tossir duas vezes. Havia marcas de chutes em seu estômago, o que provavelmente provocara ferimentos internos.

— Isso aqui é o que eu estou pensando? — Pedro perguntou com uma expressão de revolta.

André assentiu.

— Gazares.

A distinção entre gazares e mestiços era puramente étnica. Os primeiros descendiam das famílias cujas raízes genealógicas se originavam dentro das fronteiras territoriais do Estado de Gazara, um dos doze reinos do Reino Unido de Petra. Já os mestiços descendiam de imigrantes.

— Três contra um — Tommy rosnou.

— Eles só agem na covardia — Pedro completou, ao mesmo tempo em que ofereceu apoio para André levantar.

Tommy acompanhou o movimento de ajuda. Não foi preciso perguntar o nome dos agressores. Os dois sabiam que o bando de Estéfano estava envolvido em mais esse ataque.

O rapaz em questão era filho do primeiro-ministro do Estado de Gazara e também estudava na Escola Preparatória. Clandestinamente, comandava uma gangue que coagia os mestiços a abandonar a instituição. Estéfano Talmai era a extensão exata da política extremista do pai, Heron.

O primeiro-ministro ganhara as eleições com a plataforma “Gazara para os Gazares” e desde então colocara em prática suas promessas de campanha, dentre as quais dividir as instituições de ensino: gazares e mestiços deveriam estudar em escolas separadas. As únicas unidades que permaneceriam mistas seriam as escolas preparatórias para a Academia de Cavaleiros. Em todo o reino de Gazara havia apenas três dessas instituições e uma delas ficava em Tamísia.

— Consegue andar? — Tommy perguntou quando aprumaram o colega ferido.

O rapaz fez que sim com a cabeça, evitando falar.

— Onde você mora, André? — Pedro quis saber ao deixarem a fábrica.

— Do outro lado da cidade — ele respondeu com desânimo. Era um longo trajeto. Tommy e Pedro residiam na parte central de Tamísia. — Mas não precisam me carregar até lá — acrescentou.

— Não esquentar com isso — Tommy falou num tom casual. — Você fica lá em casa, Isabel vai cuidar de você.

O trio demorou mais de uma hora para alcançar a Primeira Avenida. A alameda descansava do intenso movimento diurno de carruagens e pedestres. A via passava em uma grande linha reta pelo centro financeiro e comercial de Tamísia. Era uma rua elegante, ladeada por árvores coloridas e pavimentada com pedra sabão. Em alguns trechos, os que ficavam perto dos cafés e confeitarias, havia assentos de madeira ao canto das calçadas.

A dois quarteirões estava o modesto consultório médico de Beatriz Fernandez, mãe de Tommy, e, seis blocos adiante, ficava a casa dos Fernandez, uma construção modesta de dois andares, que era vizinha ao sobrado onde os Pontes moravam e que, por sinal, estava vazio naquela noite. Eloise e Pedro costumavam dormir na casa dos amigos quando sua mãe, Laura, estava fora da cidade.

— Bel! — Tommy bateu à porta do quarto da irmã enquanto Pedro acomodava André no sofá da sala. — Bel!

— Ah... oi... Elô. Tem um rapaz lá embaixo... É o André...

— O que tem ele?

— Parece que uns gazares o atacaram...

— Ele está bem?

— Um pouco machucado, mas vai sobreviver.

— Vou acordar Isabel. A gente desce num minuto.

Eloise poderia ter feito sozinha os curativos em André, mas sabia que Isabel iria se interessar em ouvir o relato do colega. As duas lideravam um pequeno movimento estudantil que espalhava panfletos pelos corredores da Escola Preparatória de Tamísia criticando as ações segregacionistas do primeiro-ministro e encorajando a resistência da dignidade mestiça. Os artigos anônimos saíam uma vez por mês e nos últimos meses haviam começado a causar burburinho na instituição.

“Não queremos mestiços na Academia!”, assim os agressores se despediram de André, abandonando-o à própria sorte. Machucado e impossibilitado de andar sozinho, ele provavelmente ficaria caído até o momento em que os funcionários das manufaturas chegassem para um novo turno de trabalho.

— Que idiotas — Isabel desabafou, finalizando o último curativo.

— A Academia recebe alunos dos doze Reinos. São doze etnias diferentes — Eloise emendou o discurso no momento em que desceu as escadas de madeira que ligava os dois pavimentos do sobrado. Ela fora buscar lençóis e um travesseiro para André se acomodar no sofá. — Será que esse pessoal não tem noção do absurdo que estão falando?!

— Eles nos odeiam — André afirmou com pesar.

— Mas você não vai desistir da Academia, vai? — Eloise perguntou, percebendo uma nota de tristeza na voz do colega esgrimista.

— Eu não tenho alternativa...

— André! — Isabel sobressaltou-se. — Você não pode ceder à pressão. Quer dizer, eu sei que está todo machucado, mas você pode ser mais cauteloso quando sair às ruas. Sei lá, parar de andar sozinho, por exemplo.

— Não tem a ver apenas comigo. — O rapaz encarou o chão antes de continuar. — Eu sou o mais velho de seis irmãos. Meus pais trabalham para os gazares. Se eu não ceder, eles perderão o emprego. E... — André hesitou por um momento — eles disseram que, se mesmo assim eu insistir, pegarão a minha irmã.

— Desgraçados! — Pedro rosnou.

— Eles não seriam nojentos a esse ponto — Eloise contrapôs.

— Estéfano é um covarde, mas não seria capaz de ordenar esse tipo de violência — Isabel emendou.

— Eu não tenho essa certeza. A ameaça que me fizeram não parecia um blefe. Eles se mostraram bem seguros do que diziam.

O problema era que o tempo livre de André era ocupado com o trabalho. Por um intervalo de horas, seus irmãos pequenos ficavam em casa guardados apenas por sua irmã de quinze anos. Ou seja, à mercê de um agressor mau-caráter o suficiente para atacar uma menina e quatro crianças. O que, em se tratando da milícia estudantil, não era uma possibilidade difícil de acontecer.

Três dias se passaram e André não retornou à escola, nem mesmo para pedir a transferência de curso ou despedir-se de seus amigos.

Mais uma vez, os extremistas implacáveis haviam vencido.